PERMACULTURA E FORMAÇÃO DOCENTE

YOLANDA MARIA APARECIDA CASTRO

RESUMO

O artigo tem como objetivo propor a reflexão acerca da introdução da permacultura nos programas de formação docente. Trata-se de um estudo que compõe a busca da autora em inserir esse conjunto de saberes no ensino escolar, iniciado com a proposta a partir dos ensinos fundamental e médio e compromisso em ampliar para a educação infantil. Esse movimento requer estratégias que vão além de experiências isoladas em uma ou outra escola, embora estas sejam imprescindíveis para sua validação perante a sociedade. Dentre essas estratégias, destaca-se a de oferecer o conhecimento em permacultura aos docentes em seus processos de formação, seja a inicial ou a continuada. Tem como base estudos sobre conceito, história e princípios dessa cultura permanente, especialmente quanto à sua ética de cuidar das pessoas[1]. Para além de uma questão curricular formal, a imersão no universo da permacultura pode modificar positivamente os espaços onde é experimentada por apresentar uma nova maneira de se relacionar com o meio ambiente, seus recursos e integrantes vivos a partir de respeito, diálogo, cuidado, investigação, criatividade e horizonte no bem comum. Dessa forma, as próprias relações interpessoais nas equipes escolares se tornam mais solidárias e conscientes da co-responsabilidade pelo bem comum. Não se pode pensar em formação docente de forma dissociada à habilidade profissional em contribuir com a construção de espaços saudáveis, justamente por serem solidários, acolhedores e motivadores, contrariando todo o aparato ideológico que se sustenta na competição e segregação das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Permacultura; Sustentabilidade; Formação Docente; Relações interpessoais.

1 INTRODUÇÃO

A escola não pode ser um aparato que reforça a meritocracia e os privilégios de classe. Escola deve ser um espaço de promoção de saberes voltados para a construção de uma sociedade assentada em justiça social e felicidade coletiva. Deve portanto, refletir, combater, ressignificar qualquer modismo que traga em seu bojo a difusão de condutas que incentivem a competição, a indiferença, a alienação e o consumo irresponsável como caminho para a conquista de um sucesso promotor de incontáveis fracassos. A escola pública tem um papel fundamental neste processo de transformação, tornando-se alvo de tantos ataques das elites. István Mészáros (2008, página 16)[2] identifica a intencionalidade dentro do sistema capitalista em enfraquecê-la.

"No reino do capital, a educação é, ela mesma, uma mercadoria. Daí a crise

1 Tradução do inglês para Permanent Culture, origem do termo Permacultura

2 A educação para além do capital

do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Talvez nada exemplifique melhor o universo instaurado pelo neoliberalismo, em que "tudo se vende, tudo se compra", "tudo tem preço", do que a mercantilização da educação. Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em shopping centers, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro".

Para que a escola cumpra esse papel transformador, há que se pensar a formação docente como o momento em que o profissional desenvolve seu perfil de forma crítica e reflexiva, interagindo com produções científicas a respeito dessa preocupação e sendo incentivado a contribuir intelectualmente também neste campo. Nesse processo, é adequada uma relação próxima e contínua com as universidades, sem esquecer que a reflexão, a crítica, a resposta às angústias tem que se desenvolver no locus da escola, como aponta António Nóvoa (2019, página 11)[3]:

"No meio de muitas dúvidas e hesitações, há uma certeza que nos orienta: a metamorfose da escola acontece sempre que os professores se juntam em coletivo para pensarem o trabalho, para construírem práticas pedagógicas diferentes, para responderem aos desafios colocados pelo fim do modelo escolar. A formação continuada não deve dispensar nenhum contributo que venha de fora, sobretudo o apoio dos universitários e dos grupos de pesquisa, mas é no lugar da escola que ela se define, enriquece-se e, assim, pode cumprir o seu papel no desenvolvimento profissional dos professores".

Reconhecer os problemas sociais e o papel da escola em pelo menos não reforçá-los implica em trazer para salas de aula e de professores a esperança em se estabelecer novas relações em nossos ambientes, assentadas na co-responsabilidade pelo bem comum desta e de futuras gerações. Ou seja, cuidar de si, dos outros e dos espaços precisa estar presente em nossos currículos oculto e real. É nessa perspectiva que os conhecimentos em permacultura promovem as transformações que visam a superação dessa sociedade competitiva, indiferente, discriminatória, violenta e predatória.

Este artigo propõe apresentar a permacultura como importante elemento na formação docente para que chegue com qualidade nos currículos escolares, promovendo as mudanças tão necessárias para que se viva melhor no presente sem comprometer a vida das gerações futuras.

Não se pode desconsiderar que a própria organização curricular atual, assentada na BNCC[4] e dialogando com os ODS[5], indicam as abordagens de questões de cuidados com o planeta e com as pessoas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A permacultura

3 Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola

4 Base Nacional Comum Curricular

5 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

A permacultura se coloca em oposição à lógica capitalista de produção e suas consequentes relações humanas e ambientais. Paul Singer (2003, pág 10) apresenta com bastante propriedade o conceito de economia solidária, muito adequado às bases éticas e princípios da permacultura:

"O capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual. (...) A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica".[6]

É importante compreender que nossas relações entre humanos e com os recursos naturais não escapam à maneira como a sociedade se organiza economicamente. O atual modelo econômico tem conduzido pessoas e ambientes ao esgotamento. Preocupados com isso, nos anos 70 os australianos Bill Mollison e David Holmgren apresentam a permacultura. Termo formado a partir da junção das palavras inglesas Permanent e Culture (cultura permanente) para expressar a ideia de que é preciso pensar em ações permanentes na relação com a terra para o estabelecimento de comunidades humanas sustentáveis, a exemplo das que têm vivido na Terra por muito tempo sem destruir o meio ambiente.

6 Introdução à economia solidária

Mollison e Holmgren construíram bases éticas e princípios de planejamento para o desenvolvimento dessas comunidades humanas sustentáveis. Os estudiosos e praticantes desse conjunto de saberes são conhecidos como permacultores ou designers em permacultura.

Há uma vasta produção sobre o conhecimento em permacultura e, dialogar com o meio acadêmico dentro do propósito de formar docentes e promover mudança curricular não é tarefa que tenha outro obstáculo que não seja o econômico.

É extremamente válido que as universidades busquem parcerias com entidades que formam designers em permacultura espalhadas por todo o Brasil, dentre as quais pode-se citar o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA) em Ubatuba, São Paulo, o Instituto Pindorama em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) em Pirenópolis, Goiás, o Instituto de Permacultura (IPOEMA) em Brasília, DF, o Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) em Salvador, Bahia, o Instituto de Permacultura em terras secas (IPETERRAS) em Irecê, Bahia, o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará (IPC), em Eusébio, Ceará.

Holmgren (2002, páginas 1-10) apresenta três bases éticas da permacultura: cuidar da terra, cuidar das pessoas, partilha justa.[7] Esse estudo destaca a segunda base, embora todas sejam de extrema importância para a formação do profissional

7 Os princípios em inglês são Care for the earth; Care for people; Set limits to consumption and reproduction, and redistribute surplus contido na edição original australiana Permaculture: principles & pathways beyound sustainability

que tem o maior potencial de mudança em toda a sociedade. Mudança esta que passa essencialmente por aprender e ensinar que a maneira como lidamos com a terra, as pessoas e a partilha configuram a sociedade.

Há algumas diagramações feitas por diferentes coletivos permacultores para ilustrar as três bases éticas e os doze princípios de planejamento em permacultura, combinando as frases de Holmgren com suas figuras. Optou-se aqui por usar a diagramação feita pelo Instituto Irara[8], disponível em suas redes sociais. Os interessados nestas figuras presentes na diagramação podem obtê-las gratuitamente, junto a outros materiais, no site da organização de David Holmgren para difusão da permacultura, a permaculturepriciples.com[9].



2.3 Permacultura e relações interpessoais nas equipes escolares

Introduzir a permacultura nos currículos escolares e na formação docente é uma proposta viável e necessária, como já discorrido. Mobilizar os saberes para a construção de um mundo sustentável, conhecendo e desenvolvendo técnicas e posturas que dialoguem com todas as áreas curriculares transforma todos os envolvidos, mesmo os indiferentes ao processo.

As pessoas enfrentam batalhas pessoais que têm, muitas vezes, causas ou agravantes nos ambientes que frequentam. Nenhuma rotina de demandas escolares ou política de ataques à educação podem justificar a desatenção dos profissionais em educação com o perigo de permitir que o espaço adoeça as pessoas. Ter consciência do papel ocupado em cada processo, em cada espaço, constitui uma poderosa ferramenta para não sucumbir ao desânimo que se alimenta da falta de perspectiva quanto ao futuro. Enxergar-se como agente de mudança coloca o indivíduo em reconhecimento e associação com quem enfrenta os mesmos perigos, rompendo o individualismo, tão conveniente às intencionais políticas de exploração, exclusão social e esgotamento dos recursos planetários.

A falta de perspectiva quanto ao futuro não pode ser enfrentada de outra maneira que não seja a mudança do lugar que o indivíduo atribui ao outro, seja de outra classe social, de outra etnia, de outro sexo, de outra crença, de outro território ou de outra espécie. O lugar do outro deve ser o lugar em que eu gosto ou gostaria de estar, sem comprometer, excluir ou destruir nenhum outro ser vivente deste planeta. Essa ideia do outro ser eu é a ética dos povos originários que precisa ser experienciada entre todas as culturas deste planeta. Ailton Krenak (2021)[10] aponta a importância

8 www.institutoirara.com
9 https://permaculturepriciples.com/

10 Entrevista cedida a Fernando Meirelles pela Revista Trip Uol em 22/05/2021

do lugar do afeto neste contexto de angústicas e destruição da vida no planeta:

"A Terra, Gaia, Pachamama, esse organismo vivo é inteligente e nós vamos ter que negociar com ela a nossa possível saída. Uma pergunta que paira sobre as nossas cabeças é: como as gerações vão dar conta de um mundo em bagaços? Talvez seja com a capacidade de afeto, de abraçar todos os outros seres que não são parecidos com você. Nós fomos durante muito tempo estimulados a configurar uma ideia de ser humano. E nós chegamos ao absurdo de configurar esse ser humano como sendo do sexo masculino, branco, rico, dominante, e isso excluiu uma fantástica multidão que foi transformada em sub-humana. Transformar o mundo é nos mudar primeiro. Foi Mahatma Gandhi que disse. Às vezes a gente fica querendo que alguém dê uma receita pra gente mudar, mas a mudança está dentro de cada um de nós. O dispositivo para disparar a mudança é o seu coração".

A terceira base ética, ou terceira máxima, da permacultura reforça o quanto as pessoas precisam estar seguras física e emocionalmente para que as comunidades consigam se desenvolver de forma saudável e promover mudanças que diminuam a dependência do consumo predatório dos recursos deste planeta. Holmgreen (2002, página 4) discorre sobre essa questão[11], ressaltando a importância do autocuidado sem que este seja compreendido como ganância ou alienação:

"Care for People starts with the self, but it expands in widening circles to include our families, neighbours, local and wider communities.

(...) At first glance this may appear to be a recipe for ignoring the gross disparities of wealth between rich and poor nations and people, especially when applied by the billion or so middle-class people across the planet who, more than the numerically few rich, consume the vast bulk of the planet's resources.

The fact is that our own comfort is based on the rape of planetary wealth, depriving other people (and future generations) of their own local resources. Our own "hard work" and the so-called "creativity" of our economy and "fairness" of our system of government are all secondary factors in creating our privilege

(...) As we reduce our dependence on the global economy and replace it with household and local economies, we reduce the demand that drives the current inequities. Thus",look after yourself first" is not an invitation to greed but a challenge to grow up through self-reliance and personal responsibility".

"Cuidar das pessoas começa com você mesmo, mas se expande em círculos cada vez maiores para incluir nossas famílias, vizinhos, comunidades locais e mais amplas.

(...) À primeira vista, isso pode parecer uma receita para ignorar as grandes disparidades de riqueza entre nações e pessoas ricas e pobres, especialmente quando aplicado pelo bilhão ou mais de pessoas de classe média em todo o planeta que, mais do que os poucos numericamente ricos, consomem a maior parte dos recursos do planeta.

11 Edição original australiana Permaculture: principles & pathways beyound sustainability

O fato é que nosso próprio conforto se baseia no estupro da riqueza planetária, privando outras pessoas (e as gerações futuras) de seus próprios recursos locais. Nosso próprio "trabalho árduo" e a chamada "criatividade" de nossa economia e "justiça" de nosso sistema de governo são todos fatores secundários na criação de nosso privilégio

(...) À medida que reduzimos nossa dependência da economia global e a substituímos por economias domésticas e locais, reduzimos a demanda que impulsiona as atuais desigualdades. Assim, "cuidar primeiro de si mesmo" não é um convite à ganância, mas um desafio para crescer através da autossuficiência e da responsabilidade pessoal"[12].

Como se vê, a questão do autocuidado aqui reflete um compromisso com o fortalecimento das relações locais, promovendo empoderamento às pessoas na busca de alternativas de produção e consumo, afastando-as da lógica global de competitividade e destruição planetária para se obter um conforto próprio do consumo que sustenta o sistema capitalista: alienado, excludente, competitivo, predatório. Estar confortável, dentro da ética da permacultura, é ver o outro confortável, seja em casa, na escola, no lazer, na produção ou no consumo.

Cuidar de si e do outro, para que o planeta possa ser melhor cuidado, como defende a permacultura, é uma conduta revolucionária que não pode ser ignorada na formação docente. Primeiro, por ser este o profissional que mais absorve as contradições da sociedade, da qual também é vítima, inclusive adoecendo em função disso. Segundo, por ser quem mais pode contribuir para superá-las no exercício de sua função. Terceiro, por ser mais que urgente a necessidade em se estabelecer posturas que não contribuam com o já tão avançado processo de destruição planetária.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem sido o maior equívoco humano reduzir a compreensão de outro a um mero substantivo que nomeia aquele ou aquilo que não sou. A ética da permacultura insiste nesse ponto ao propor que se cuide da terra, das pessoas e se promova a justa partilha. Não é possível tratar dessa questão sem apresentar pelo menos um trecho dos mais lindos documentos históricos já produzidos, a Carta do Chefe Seattle escrita em 1854 em resposta à proposta de compra de terras indígenas por parte do governo norte americano, traduzida por Costa (1987, página 39)[13]:

"O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não teceu a trama da vida; ele é meramente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo".

A Permacultura, com sua base ética, princípios e técnicas sustentáveis motiva posturas que partem da compreensão de que todos os organismos que integram as micro e macro comunidades planetárias precisam estar seguros física, emocional e

12 Livre tradução da autora.

13 Manifesto traduzido por Magda Guimarães Khouri Costa

afetivamente.

Para a vida pulsar na escola, seus integrantes precisam estar motivados e dispostos a pensar em respostas a partir de estratégias comprometidas com o bem coletivo. A escola pode e deve ensinar que é preciso agir com responsabilidade no presente para se vislumbrar o futuro que rompa com as tristezas alimentadas pela falta de perspectiva, pelo sentimento de impotência diante das catástrofes causadas pelo egoísmo humano.

Inserir a permacultura na formação docente possibilita que muitos profissionais cheguem à escola dispostos a este desafio, ressignificando o currículo e as próprias relações interpessoais.

Não se trataria de uma tarefa difícil, não fosse a realidade do país ser comandado pelas elites da indústria e do agronegócio. Toda mudança que se relaciona à maneira como as pessoas interagem com o planeta requer muita disposição em lutar. Afinal a vida sem veneno no prato e no copo, com floresta em pé e povos originários com direitos sobre a terra sempre foram obstáculos ao lucro que há séculos vem sustentando essas elites.

Existem espaços promotores dos conhecimentos da permacultura. Existe uma vasta bibliografia sobre o tema. Existem ricas experiências espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Existem caminhos curriculares a serem ampliados através da BNCC e dos ODS. Existem angústias que precisam ser enfrentadas.

A permacultura nas escolas, começando pela formação docente, é uma necessária batalha política que precisa ser abraçada por profissionais e sociedade civil como resistência aos anos de violentos atentados às nossas possibilidades de enxergar o futuro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: competências gerais ensinos fundamental e médio. Brasília, 2018.

HOLMGREN, David. Os fundamentos da permacultura. Victoria (Australia): Holmgren design services, 2007.

HOLMGREN, David. PERMACULTURE Principles & Pathways Beyond Sustainability. Hepburn, Victoria (Australia): Permanent Publications, 2002, páginas 1- 10.

IBGE e SECRETARIA ESPECIAL DE ARTICULAÇÃO SOCIAL. Indicadores

brasileiros para os objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em

<https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

INSTITUTO IRARA, página no facebook. Disponível em

<https://www.facebook.com/institutoirara/photos/a.101650002046264/122011106676820/>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

KRENAK, Ailton. Por que não conseguimos olhar para o futuro [entrevista concedida a] Fernando Meirelles. In: Trip News. 2021 Disponível em

<revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/ailton-krenak-por-que-nao--conseguimos- olhar-para-o-futuro>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo, Boitempo, 2008, página 16.

NÓVOA, António. in Educação e Realidade. Porto Alegre, 2019, página 11.

SEATTLE (Chefe índio). Preservação do meio ambiente - Manifesto do Chefe Seattle ao presidente dos EUA. São Paulo, Babel Cultural, 1987. página 47. (Tradução de Magda Guimarães Khouri Costa).

SINGER, Paul. Introdução à economia solidária. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002, página 10.